

Quando o Algoritmo Já Sabe o Que Vais Fazer Antes de Ti

written by Mário Portela | 22 de Janeiro, 2026

OCIDADÃO
Jornalismo Livre

CRÓNICA
Mário Portela



Há um momento desconfortável – quase íntimo – em que percebemos que alguém nos conhece melhor do que gostaríamos. Normalmente é um amigo antigo, um ex-companheiro ou, mais recentemente, um algoritmo. A diferença é que o algoritmo não nos observa com empatia nem memória afectiva: observa-nos com dados. Muitos dados. Demasiados dados. E cruza-os com uma frieza estatística que transforma hábitos banais em previsões inquietantemente precisas. É aqui que começa o problema moderno: **quando a Inteligência Artificial deixa de responder ao presente e começa a insinuar o nosso futuro.**

Falar disto é essencial. E é precisamente por isso que esta crónica está n' **O Cidadão**. Porque este não é um jornal de *slogans* fáceis nem de entusiasmos tecnológicos acríticos. É um projecto raro e necessário de jornalismo, que acredita que os

leitores aguentam complexidade, dilemas morais e perguntas sem respostas confortáveis. Num tempo em que ou se idolatra a tecnologia como salvação ou se demoniza como ameaça apocalíptica, este espaço existe para fazer o mais difícil: **pensar**. E pensar em conjunto.

A promessa da IA preditiva é sedutora. Analisar milhões de comportamentos, identificar padrões invisíveis ao olho humano e antecipar tendências em saúde, economia, clima ou segurança. Os números impressionam: modelos capazes de prever trajetórias de furacões com semanas de antecedência, algoritmos que detetam cancros antes de qualquer médico, sistemas que reconhecem sinais de AVC ou paragens cardíacas em segundos. Aqui, a previsão não é controlo – é salvação. Literalmente.

Mas a mesma lógica aplicada fora da medicina torna-se rapidamente indigesta. Quando uma seguradora ajusta prémios com base em probabilidades futuras. Quando um empregador descarta um candidato porque “estatisticamente” não ficará muito tempo. Quando um tribunal olha para um arguido não pelo que fez, mas pelo que um algoritmo prevê que venha a fazer. A justiça, que devia ser cega, começa a espreitar por baixo da venda... com sensores, câmaras e *scores* de risco.

Entramos então no território escorregadio da profecia auto-realizável. Se uma máquina diz que tens 80% de probabilidade de falhar, quanto dessa falha passa a ser responsabilidade da previsão? A IA não decide por nós – mas influencia-nos. Não nos obriga – mas condiciona. E quanto mais precisa for, mais difícil se torna distinguir previsão de destino.

Há quem grite “fim do livre-arbítrio” e quem responda com desdém tecnológico. Ambos falham o ponto. O ser humano sempre foi previsível. Sempre viveu de padrões, hábitos, repetições emocionais. A novidade não é sermos previsíveis. A novidade é haver agora uma entidade capaz de nos mostrar esses padrões com um detalhe quase obscuro. O algoritmo não cria os fios – limita-se a revelá-los. A questão real é: o que fazemos quando os vemos?

O perigo não está na IA saber demasiado. Está em nós aceitarmos previsões como sentenças. Em delegarmos decisões morais, políticas e judiciais a sistemas que reflectem dados históricos carregados de viés. A IA não é neutra, nem justa por defeito. Aprende com o mundo tal como ele é – desigual, imperfeito, discriminatório – e depois devolve-nos isso com uma aparência de objetividade científica que engana até os mais atentos.

E, **no entanto**, recusar a IA por medo seria apenas mais um capítulo da velha tecnofobia humana. Já tivemos medo dos comboios, da eletricidade, da televisão, da internet. Sobrevivemos a todos. A IA não veio para nos substituir, nem para nos tornar estúpidos. Pode, isso sim, funcionar como um ginásio brutal para o pensamento crítico – se tivermos coragem de a usar como parceira e não como oráculo.

No fundo, a pergunta não é se somos reféns do nosso futuro digital. A pergunta é se queremos ser adultos numa era de previsões. Se preferimos compreender os padrões para os desafiar ou ignorá-los até que decidam por nós. O algoritmo pode saber muito sobre o que somos. Mas a decisão sobre o que fazemos com esse conhecimento continua – teimosamente – a ser humana.

Quem quiser aprofundar esta reflexão, com exemplos concretos, humor ácido e conversa sem filtros sobre ética, previsão e poder algorítmico, pode ouvir o episódio 44 do podcast «**IA & EU**». Um episódio para quem não tem medo de olhar para o futuro... mesmo quando ele já parece estar a olhar de volta.